

Um olhar sobre 2013

Dezembro de 2012

Por Vítor Wilher

A conjuntura econômica brasileira é *sui generis*, como amplamente vem sendo noticiado na imprensa especializada. A economia cresce abaixo de 2% em termos anualizados, enquanto a taxa de desemprego aberto está em 5,4% - muito próxima da mínima histórica. Isto significa que a retomada no nível de atividade, experimentada nesse último trimestre e com promessa de se intensificar em 2013, deverá contar com incremento no Investimento e aumento de produtividade. Caso contrário, teremos problemas com o cumprimento da meta de inflação.

O governo brasileiro não se omitiu em 2012 para tentar reanimar a economia. Utilizou os bancos públicos para incentivar os bancos privados a reduzirem os spreads. Cortou impostos que incidem sobre a produção, prometeu baixar tarifas de energia elétrica e desonerou a folha de pagamentos. Além disso, aumentou impostos que incidem sobre produtos importados, baixou a taxa básica de juros para sua mínima histórica e interveem desde maio no câmbio toda vez que o mesmo ousar ir a menos de 2,00 R\$/US\$.

Ficou mais claro, entretanto, que já não adianta mais *apenas* cuidar dos determinantes da demanda. Dado o endividamento das famílias e a lenta redução dos níveis de inadimplência – apesar da massa salarial apresentar-se com tendência positiva – o crédito não mostra o mesmo vigor de antes. Isto, somado ao virtual *pleno emprego* citado acima, significa que o próximo ciclo de crescimento brasileiro terá de ser distinto daquele experimentado desde 2003: será necessário cuidar dos determinantes da oferta.

Nesse contexto, pensar o crescimento econômico brasileiro em uma conjuntura internacional difícil e com claras limitações internas deve implicar em reformas estruturais. Segundo o último relatório *Doing Business*, do Banco Mundial, para uma amostra de 185 países, o Brasil encontra-se na desonrosa 130ª posição em termos de *facilidade para fazer negócios*. Em um ambiente de crise econômica, mudar essa realidade se torna ainda mais premente.

2013 é, portanto, um ano decisivo para nossa economia, dada a ausência de eleições. Ou saímos em definitivo da letargia institucional que marcou a última década, ou estaremos nos condenando a um crescimento insustentável nos próximos anos. É vital consolidar e executar uma agenda de reformas estruturais, visando tornar o ambiente de negócios brasileiro mais competitivo, acomodando assim o potencial do consumo doméstico. Oxalá que o Palácio do Planalto esteja ciente de sua responsabilidade nesse processo!